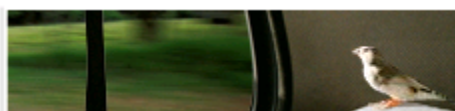


assine Com até 40%
revistas ABRIL de desconto



Por que viajar de outro jeito,
se você pode voar?

Terça-feira, 25 de julho de 2006

no mínimo **José Paulo Kupfer**

enviar | imprimir

Arthur Dapieve
 Carla Rodrigues
 Guilherme Fiuza
 José Paulo Kupfer
 Leo Martins
 Luiz Antonio Ryff
 Marcos Caetano
 Marcos Sá Corrêa
 Mario Sergio Conti
 Paulo Roberto Pires
 Pedro Doria
 Ricardo A. Setti
 Ricardo Calil
 Ricardo Kotscho
 Roberto Benevides
 Santiago P. Fusco
 Sergio Bermudes
 Sérgio Rodrigues
 Tutty Vasques
 Villas-Bôas Corrêa
 Xico Sá
 Xico Vargas
 Zuenir Ventura
 +
 A palavra é...
 +
 .Comportamento
 +
 Contemporânea
 +
 Convidados
 +
 Ensaio
 +
 Entrevista
 +
 Esportes
 +
 Fala Leitor
 +
 Galeria
 +
 Nonsense
 +
 Olha só
 +
 Papo de homem
 +
 Política & Cia.
 +
 Ponte aérea/RJ

Mais com menos

15.06.2006 | Quando se fala no cruzamento de crescimento e distribuição de renda, a literatura econômica, inclusive a mais recente, tem bons exemplos para todos os lados. Há casos de economias que crescem rápido com má distribuição e de outras que crescem pouco – ou nem crescem – com redução das desigualdades, sem falar nas diversas combinações possíveis entre esses dois extremos, todas comprováveis em situações empíricas.

O Brasil, que é o caso emblemático mundial de desigualdade social – como a África do Sul é o caso emblemático de discriminação racial e a Índia, de pobreza –, se candidata a acrescentar uma combinação pouco usual aos abundantes estudos sobre o tema. No Brasil dos primeiros anos do século 21, mesmo com queda na renda per capita, a desigualdade diminuiu. O paradoxo está devidamente destrinchado num trabalho recente do economista Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais, da FGV-Rio, em associação com dois pesquisadores do International Poverty Centre, da ONU, acessível em www.fgv.br.

Sob o título “Crescimento pró-pobre: o paradoxo brasileiro”, o estudo mostra que, embora a renda per capita tenha recuado a uma taxa média anual de 1,35% entre 2001 e 2004, a taxa de crescimento pró-pobre chegou a 3,07%. Um bom exemplo do que isso quer dizer pode ser obtido nos dados de 2004, quando os índices de desigualdade atingiram os níveis baixos em 30 anos. Enquanto a renda média do brasileiro cresceu 3,6%, a dos pobres aumentou 14,1% – “como se os mais pobres tivessem vivido o esplendor econômico de uma China”, lê-se no estudo.

No conjunto da economia, a participação dos 50% mais pobres no total da renda, entre 2002 e 2005, apresentou um aumento de 20%, passando de 10,07% do total para 12,24%. No mesmo período, a participação dos 10% mais ricos na renda total caiu de 50,1% para 47,27% – recuo de 6%. Nas faixas intermediárias de renda, houve melhoria, mas menor, em torno de 10%. Detalhe: em 2005, quando o ritmo de redução da desigualdade perdeu um pouco de fôlego, os mais ricos continuaram perdendo e os intermediários ganharam mais do que os mais pobres.

Publicidade



Clássicos NoMínimo
Música para navegar

Outras colunas

Tutty Vasques

Sorria! O colunista es tirando 20 dias de férias. Ameaça voltar em agosto

Ensaio



Fotografia contemporânea em bel mostra no Centro do Ri

Galeria



Exemplos da nova pinti coreana em coletiva, er São Paulo.

Weblog

A guerra no Iraque disparou um grande avanço xiita pelo poder no Oriente Médio. E os xiitas querem o fim de Israel

+
Ponte aérea/SP
+
Reportagem
+
Sexo nas bancas
+
Todoprosa
+
Weblog

buscar

Busca avançada
Quem somos

NoMínimo
Instale o *feed* de notícias

XML

O que é RSS?

Nosso link
em seu blog

Na economia brasileira do século 21, a renda do trabalho, em anos de crescimento mais expressivo, tem um efeito importante na redução da desigualdade. Foi o que ocorreu em 2004. Naquele ano, o de menor índice de desigualdade em três décadas, como já se mencionou, ela respondeu por mais de 70% da redução da desigualdade. Nos demais períodos, a desigualdade diminui pelo efeito das transferências de renda da previdência e das bolsas sociais. "O efeito-bolsa família", anota o estudo da FGV, corresponde a dois terços do crescimento pró-pobre observado de 2001 a 2004."

Atenção: os reajustes no salário mínimo desempenham papel de altíssima relevância em qualquer das circunstâncias que favoreçam a melhora na distribuição de renda. Ele atua não só empurrando os pisos salariais para cima, mas também na ampliação automática e compulsória nos programas de transferência de renda, como lembra o estudo da FGV, ao indexar benefícios e critérios de elegibilidade, particularmente na Previdência Social, no seguro-desemprego, na Loas (lei de assistência social aos pobres idosos).

Além de fulminar tão conhecidas e insistentes tentativas "científicas" de negar os óbvios benefícios dos programas sociais afirmativos, o estudo da FGV tem a inestimável vantagem de deixar sem argumentos quem quiser aparecer como dono da boa novidade da redução das vergonhosas desigualdades brasileiras. Se, como prova o estudo, os efeitos sociais positivos das políticas de transferência aceleraram com Lula, a base para isso veio de antes, dos tempos de FHC. Data de 1998, por exemplo, a decisão pró-pobres de garantir reajustes maiores aos benefícios previdenciários das faixas mais baixas.

O problema é que, sem mudar o desenho com que foram concebidos lá atrás, quanto mais os programas sociais avançarem, mas curto será seu fôlego. É possível reduzir desigualdades sem crescimento, mas não para sempre. Enquanto as despesas com juros consumirem a melhor parte dos esforços fiscais, restringindo o crescimento, os limites para a expansão dos gastos sociais serão lamentavelmente estreitos.

jpkupfer@nominimo.ibest.com.br

[Receba os textos deste colunista por email](#)

[^ volta ao alto da página](#)

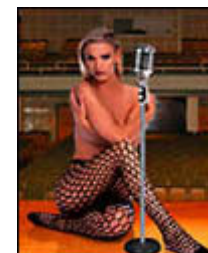
Praça Nossa Senhora da Glória 46, 5º andar
Rio de Janeiro RJ 22211-110 · tel +55 21 2225 5772

copyright 2002, nominimo.com.br
editor@nominimo.ibest.com.br

A palavra é...

Poeta x poetisa (II):
colunista volta ao assur para esclarecer um emaranhado de mal-entendidos e entrega: a a ABL chama mulher de poeta.

Reportagens



Show "Mulheres Seresteiras" é o braço musical da ONG que criou a grife Daspu

Assine NoMínimo

Receba por email as colunas de NoMínimo

Primeira página

Um novo jeito de pesquisar No Mínimo

Fala leitor

“ Embora sempre tenha desejado ser jornalista, nunca gost de noticiar apenas as notícias ruins. ”
Martha Bapti

powered by

notitia